

Volume de operações de crédito este ano já cresceu 13% em dólar

O volume de operações de crédito entre janeiro e fevereiro deste ano aumentou 13% em dólar em relação ao mesmo período do ano passado. Em alguns financeiras, o percentual chegou a 30%, informa o presidente da Adecif (Associação das Empresas de Crédito ao Consumo), Francisco Gomes da Costa.

— Depois dos cheques pré-datados passados durante o Natal e dos crediários feitos em dezembro, muita gente teve que recorrer às financeiras para tomar dinheiro e saldar os compromissos na virada do ano. Logo a seguir vieram as matrículas das crian-

ças e a compra de material escolar na volta às aulas e a demanda pelo crédito cresceu mais do que o normal nesta época do ano — afirma Francisco.

As taxas cobradas nas financeiras estão entre 34% e 38% ao mês para o crédito direto ao consumidor. Já os juros do crédito pessoal estão em 40% mensais. Nos cartões de crédito, as taxas de juros estão de 39% a 47%, além da multa de 10% ao mês por atraso de pagamento. Nos cheques especiais, as taxas de juros variam de 35,5% a 51% ao mês.

O diretor da financeira Losango, Pedro Calcado, também vice-

presidente da Adecif, diz que os brasileiros chegaram ao fim de 1992 endividados em US\$ 2,54 bilhões — quase US\$ 1 bilhão a mais do que no ano de 1991, quando o saldo dos financiamentos no país era de US\$ 1,448 bilhão. Mas o diretor da Losango ressalva:

— Esses números sofreram a influência do fim do contingenciamento do crédito, em meados do ano passado. É que muitas lojas vinham tomando dinheiro sob a forma de capital de giro e emprestando ao cliente pessoa física, driblando o contingenciamento. Depois esses valores fo-

ram incorporados às contas — disse.

Calcado lembra ainda que nessas cifras estão incluídos os saldos de cartão de crédito. Segundo ele, apenas 15% do volume das compras com cartão são parceladas. A maioria dos clientes liquida o pagamento no vencimento da fatura.

Há dez anos, a situação era oposta. Apenas 30% pagavam no vencimento do cartão e 70% parcelavam a compra.

No entanto, isso está longe de indicar que o brasileiro melhorou de vida. Ao contrário, ele gasta menos e tenta fugir dos juros elevados no cartão.